



## **A refutação de Orígenes e a diferenciação entre cristãos, judeus e pagãos na cidade de Alexandria (século III d. C.)**

Carolline da Silva Soares<sup>1</sup>  
Submetido em Setembro/2013  
Aceito em Dezembro/2013

### **RESUMO:**

O nosso objetivo neste artigo é dissertar brevemente acerca do conflito sócio-político e religioso existente entre o paganismo, o judaísmo e o cristianismo no Império Romano, sobretudo em Alexandria, durante o século III d. C. Este conflito é tratado de forma singular na obra intitulada *Contra Celso*, do cristão Orígenes, elaborada em 248. Este trabalho de Orígenes configura-se como uma apologia e é uma refutação à composição do filósofo pagão Celso, intitulada *Palavra Verdadeira* (Αληθης Λογος). Além disso, afirmamos que a problemática existente entre o cristianismo, o judaísmo e o paganismo no *Contra Celso* contribuiu para a defesa e a fixação das identidades cristã e pagã na época do Principado romano.

**Palavras-chave:** Orígenes – *Contra Celso* – Cristãos – Pagãos – Alexandria.

### **RESUMEN:**

**La refutación de Origen y la diferenciación entre cristianos, judíos y paganos en la ciudad de Alejandría (siglo III d. C.)**

Nuestro objetivo en este artículo es exponer brevemente sobre el conflicto socio-político y religioso entre el paganismo, el judaísmo y el cristianismo en el Imperio Romano, especialmente en Alejandría en el siglo III d.C. Este conflicto se maneja de una manera única en la obra titulada *Contra Celso*, del cristiano Orígenes, compilado en 248. Esta obra de Orígenes aparece como una apología y es una refutación a la composición de los filósofo pagano Celso, titulado *Palabra Verdadera* (Αληθης Λογος). Además, afirmamos que la cuestión entre el cristianismo, el judaísmo y el paganismo en el *Contra Celso* contribuyó a la defensa y establecer las identidades cristianas y paganas en el momento del Principado romano.

**Palavras-clave:** Origen – *Contra Celso* – Cristianos – Paganos – Alexandria.

---

<sup>1</sup> A autora é doutoranda do Programa de pós-graduação em História Social das Relações Políticas (PPGHIS), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob a orientação do professor Gilvan Ventura da Silva, com apoio institucional da CAPES, e desenvolve pesquisas relacionadas ao estudo do paleocristianismo em autores como Atenágoras de Atenas, Orígenes de Alexandria e Cipriano de Cartago. Contato: [carollines@gmail.com](mailto:carollines@gmail.com)



## A Alexandria cosmopolita

Desde sua fundação em 331 a. C., por Alexandre, o Grande, Alexandria é apresentada como o centro do Helenismo.<sup>2</sup> Esta cidade tornou-se, muito cedo, um gigantesco empório comercial e industrial. Possuía certo caráter dissoluto, próprio de uma cidade aberta e portuária, o que lhe conferia um ar de luxúria e exotismo que atraía, sobremaneira, visitantes, intelectuais e migrantes de toda espécie (SANTOS, 2006, p. 48). Em razão do seu aspecto cultural, cosmopolita e hospitaleiro, e por estar localizada numa zona de encruzilhada econômica e de cultura egípcia, grega, judaica e indiana, observamos em Alexandria um convívio intenso entre variados povos durante a época imperial romana. Alexandria era, também, o centro mais próspero da diáspora judaica. Ao abrigo do *politeuma*, a integração dos judeus na cidade soube conservar a especificidade desse povo, impetrada graças à articulação de dispositivos institucionais que permitiam uma proteção legal aos membros da comunidade.<sup>3</sup>

Nesse ambiente alexandrino, grandemente helenizado, o núcleo essencial do pensamento judeu não foi descaracterizado, pelo contrário, o helenismo contribuiu para que um florescente dinamismo intelectual se instalasse na comunidade judaica. Para os judeus alexandrinos, que neste ponto se distinguem dos judeus da Palestina, o helenismo assumia tonalidades tentadoras. A relação dos judeus com a cidade grega era aberta e as contribuições culturais do helenismo foram amplamente assimiladas (SOUSA, 2009, p. 43). A Septuaginta, a versão da Bíblia hebraica traduzida para o grego entre os séculos III e I a. C. pelos sábios judeus de Alexandria, por exemplo, se configurou como um modelo de como o helenismo influenciou grandemente a cultura judaica da diáspora. Esta abertura cultural estimulou, por outro lado, a difusão do monoteísmo entre os gregos, como testemunha a existência de uma literatura de gosto helenizante que difundia os preceitos do

---

<sup>2</sup>Seguindo as declarações de Soares (2011, p. 26), concordamos com o fato de que “a bacia do Mediterrâneo sempre foi um lugar de contato privilegiado entre as várias civilizações antigas. O movimento de interação cultural entre gregos e não gregos ficou conhecido como helenização e a época helenística (séculos IV a I a. C.) é apontada pela historiografia como um momento decisivo da história do Mundo Antigo.

<sup>3</sup> Segundo Sousa (2009, p. 41), “no funcionamento do *politeuma* judaico, a Sinagoga desempenhava um papel essencial para a coesão ideológica do grupo. Assegurando a originalidade fundamental do judaísmo, a Sinagoga respondia aos desafios colocados pela adaptação cultural. Desempenhava para os jovens judeus o mesmo papel que o Ginásio desempenhava para os gregos: era o local onde se assegurava a educação e se iniciava o jovem na comunidade”.



judaísmo entre os pagãos. Reflexo desta aproximação cultural foram os não judeus que aceitaram e/ou seguiram alguns – ou muitos – dos preceitos judaicos.

Uma significativa parcela da população alexandrina sentia-se atraída pelo convívio das sinagogas (ZETTERHOLM, 2003, p. 61), seguindo alguns preceitos judaicos, como a abstenção de carne de porco, a observação do sábado, o estudo da Torá e a circuncisão de seus filhos (WILKEN, 1967, p. 315). Houve dois tipos de prosélitos: os denominados *perfeitos*, os quais obtiveram um grau de igualdade com os demais judeus e foram considerados filhos de Abraão, pois praticaram a circuncisão e participavam do *mikve* (banhos rituais); e os chamados *tementes a Deus*, os quais aceitaram certas obrigações judaicas básicas, como os chamados preceitos de Noé, os quais proibiam a idolatria, o derramamento de sangue e os pecados sexuais, além disso, frequentavam a sinagoga, guardavam o Shabat e seguiam outras prescrições judaicas, de acordo com a preferência individual (FELDMAN, 2008, p.4).

### O domínio romano em Alexandria

De acordo com Feldman (2008, p. 1), os judeus organizaram-se em comunidades, mas não viviam separadas do resto da população, possuíam certos direitos de autonomia, construíam suas próprias escolas, sinagogas e cemitérios e, por vezes, dispunham de tribunais próprios com plena autonomia jurídica. Com o advento da hegemonia romana em 30 a. C., o Egito foi transformado em uma província romana e não houve maiores mudanças de status para a comunidade judaica em Alexandria. Assim, os judeus mantiveram a sua vida próspera e seus direitos de culto separado (SELVATICI, 2008, p. 29-31), apesar da hostilidade advinda da população local em certos períodos.

Com o domínio romano iniciou-se, igualmente, a distinção entre os gregos, a quem todos os direitos eram garantidos, e os egípcios, sobre os quais eram impostas pesadas taxas. O equilíbrio entre gregos, egípcios e judeus deteriorou-se ao ponto de desencadear os primeiros movimentos contra os últimos.

A maioria dos judeus em Alexandria vivia como estrangeiros com o direito de residência. O separatismo judaico (o aspecto mais visível da realidade judaica para os não



judeus) alimentou o sentimento antijudaico em várias cidades da diáspora. Quando os romanos conquistaram territórios no Mediterrâneo oriental, eles acabaram por se envolver com a questão do particularismo judaico. Tal situação demandava uma política específica para os judeus dentro do território romano. Os judeus sofreram a reação hostil da população grega que não aceitava dividir os mesmos direitos civis com um grupo que mantinha hábitos particulares e que havia recebido isenções especiais. Diante disso, a cidade de Alexandria apresentou espaços nos quais os conflitos sociais entre judeus e não judeus foram freqüentes por volta do século I d. C.

Sob o governo do imperador Calígula, em 38, abriu-se um período de graves agitações na forma de resistências ao jugo romano por parte das comunidades judaicas. Saques, confiscos, maus tratos, flagelações e assassinatos estouraram em Alexandria com o apoio de Flaco, prefeito do Egito. Este proibiu os judeus de celebrarem o *Shabat* (dia sagrado do descanso) e exigiu que eles colocassem uma estátua do imperador romano nas sinagogas, o que desencadeou vários conflitos entre pagãos e judeus, levando à destituição de Flaco e ao acirramento das divergências entre os dois grupos (FELDMAN, 2008, p. 4). Depois deste período conturbado no governo de Calígula, assume o trono Cláudio, que restituiu os direitos dos judeus de viverem no império conforme suas próprias leis, intervindo, inclusive, na defesa dos judeus no conflito destes contra os gregos em Alexandria (BORGER, 1999, p. 236).

### O cristianismo alexandrino

Neste terreno de múltiplas culturas vemos o cristianismo fundar as suas raízes e afirmar-se como uma crença com vocação verdadeiramente universal. Foi nas cidades helenísticas do Mediterrâneo oriental, sobretudo em Alexandria, que se forjou grande parte da matriz cultural do cristianismo oriental. O cristianismo emergente ou o judaísmo helenista faziam parte integrante do mosaico multicultural de Alexandria (SOUSA, 2000, p. 3).

A assimilação do cristianismo em Alexandria não foi um fenômeno do acaso. Desde a fundação da cidade, havia uma cultura multiétnica. Várias línguas eram faladas na cidade:



o grego, em seus vários dialetos, era o mais difundido; o egípcio era falado nas comunidades nativas, enquanto que entre os judeus predominava o hebraico “clássico” e o aramaico, além de outras línguas semíticas (FIGUEIREDO, 2010, p. 17).

Em meio a todo esse ecletismo e sincretismo religioso, Alexandria desempenhou no fim do século II d. C. e início do III d. C. um papel importante na história do cristianismo: o de ser o polo da cultura cristã. Segundo Daniélou e Marrou (1984), Alexandria era o polo da cultura cristã, pois foi lá que os costumes cristãos ordinários, herdados da igreja primitiva, se libertaram de sua expressão judaica e assumiram as peculiaridades do humanismo helenístico. E, também, foi a partir de Alexandria que o cristianismo assumiu as heranças da retórica e da filosofia antigas.

Um fato assaz importante sobre a difusão do cristianismo em Alexandria era a existência de duas realidades sociais: uma população camponesa que, apesar da helenização do Egito, falava o velho egípcio demótico e que só no século II d. C. criou o alfabeto copta; e um ambiente urbano, onde se encontrava uma elite mantenedora da cultura greco-romana, que nos deixou uma vasta documentação a respeito do encontro entre a fé cristã e o racionalismo grego. Em síntese, Alexandria era um “caldeirão” de seitas e correntes filosóficas. Nesse sentido, Spinelli (2000, p. 84-85) argumenta que:

Nos primórdios do cristianismo, Alexandria se tornou o maior centro cultural da época, chegando, inclusive, a sobrepujar Atenas em influência e prestígio. Fundada no século III a. C., ela passou a competir com Atenas enquanto centro proeminente do saber. Para lá afluíam os mais importantes intelectuais, em geral, estudiosos, eruditos e leitores. A par de sua famosa biblioteca, além de um observatório astronômico, vieram abrigar-se aí escolas de diferentes tendências. Uma delas foi a chamada Escola Didascálica (dos preceitos e instruções referentes à interpretação ou exegese do texto bíblico), fundada pelo judeu Filon (que ocorreu em 42 d. C.). Foi ali também, em Alexandria, que Amônio Sacas (180-242) fundou a Escola Neoplatônica, a qual foi frequentada por Orígenes e Plotino. Foi para junto da Escola Didascálica e da Escola Neoplatônica de Amônio Sacas que convergiram os primeiros helenistas convertidos ao cristianismo. Eles representam a primeira tentativa de harmonizar determinados princípios da Filosofia grega (particularmente do Epicurismo, do Estoicismo e do pensamento de Platão) com a doutrina cristã. Justino, Clemente de Alexandria e Orígenes são esses primeiros helenistas convertidos a se empenhar nessa tarefa.

É deste e para este ambiente rico e erudito que Orígenes elaborou seus escritos e, entre eles, o *Contra Celso*, a obra analisada neste artigo.



## Orígenes e o *Contra Celso*

Quando se trata de demonstrar o quanto o judaísmo e o cristianismo eram, na Alexandria romana, sistemas religiosos que estavam ao mesmo tempo em diálogo e em concorrência, a obra *Contra Celso* desempenha, sem dúvida, um papel da maior relevância, uma vez que a intenção de Orígenes ao redigi-la era não apenas refutar as acusações do filósofo pagão Celso contidas na sua *Αληθης Λογος* (Doutrina verdadeira) acerca da suposta falsidade do cristianismo e de sua matriz, o judaísmo, as duas crenças monoteístas do Império que estariam pondo em risco a *pax deorum* – a concórdia entre deuses e homens –, mas igualmente estabelecer a identidade dos próprios cristãos diante dos judeus.<sup>4</sup> Por meio do *Contra Celso*, Orígenes não apenas afirma o caráter peculiar do cristianismo, como também, de certo ponto de vista, cunha a própria crença da qual é defensor em um confronto direto com o judaísmo e o paganismo greco-romano.

Acerca do filósofo pagão Celso não se sabe quase nada, sendo impossível definir com precisão a data e o local de seu nascimento, bem como a qual escola filosófica pertenceria. Ao que parece, sua terra natal teria sido o Egito, embora nem mesmo esta informação seja segura. A sua obra, *Doutrina Verdadeira*, teria sido redigida, provavelmente, entre os anos 170 e 180, já em finais do governo de Marco Aurélio, momento em que é constatado um acirramento do confronto entre cristãos e pagãos, tanto em termos físicos quanto em termos literários.<sup>5</sup> Quanto ao nome “Celso” em si, era de origem latina e bastante comum na época imperial (BUENO, 1967). Concordamos com os apontamentos de Chadwick (1953) e Frede (1999), acerca do fato de que nada sabemos do adversário do presbítero cristão, exceto aquilo inferido a partir do texto do próprio Orígenes. Ademais, vale ressaltar que Celso não é refutado por Orígenes apenas em razão

---

<sup>4</sup> Estamos em consonância com os interacionistas simbólicos que entendem que a identidade “é formada a partir de uma interação entre o ‘eu’ e a sociedade, o que a situa na confluência entre a esfera pessoal, interior e a esfera pública” (SILVA, 2004, p. 20). Para simplificar, entendemos a identidade como sendo: construção, efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo (dando ideia de movimento, transformação), instável, contraditória, fragmentada; ligada a sistemas de representação simbólica (uma forma de atribuição de sentido). Em contrapartida a identidade não é fixa, estável, coerente, unificada homogênea, definitiva, acabada (SILVA, 2000).

<sup>5</sup> Para uma discussão mais detalhada acerca da tendência filosófica de Celso, ver Frede (1999).



de sua opção filosófica, mas por suas críticas e “injúrias” contra o cristianismo. O próprio Orígenes não se mostra filiado a nenhuma doutrina filosófica, entretanto, se vale de várias delas, como a pitagórica, a platônica, dos peripatéticos, epicuristas e estóicos (SPINELLI, 2002).

Em relação aos fatos e datas acerca da vida e da atuação de Orígenes possuímos mais informações. Sabemos que Orígenes nasceu em Alexandria, em 185 d. C., no seio de uma família cristã. Ainda jovem perdeu o pai, Leônidas, martirizado por ocasião da perseguição de Septímio Severo e viu todos os bens de sua família serem confiscados pelo Estado romano, como era de costume. Em virtude do extremo ascetismo que professava, optou pela castração em plena juventude. Viveu grande parte de sua vida vinculado à Escola de Alexandria, onde criou o *Didaskaleion*, um centro de ensino que oferecia aos alunos uma formação em filosofia e no conhecimento das Escrituras. Orígenes morreu em Tiro, por volta de 253 ou 254, devido aos maus tratos sofridos na prisão durante a perseguição de Décio. Ele produziu um número considerável de comentários bíblicos, homilias, cartas, apologias, compondo, assim, uma teologia abrangente. Seu principal método de leitura das Escrituras era feito alegoricamente. Filho de um mártir, Orígenes foi torturado em razão de sua fé e depois de morto foi declarado como herege pela Igreja (LYMAN, 2009). A *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia, é nossa principal fonte para nos esclarecer acerca da história de Orígenes, como nos informa Eugène de Faye (1923).<sup>6</sup>

Segundo Eusébio, o pai de Orígenes, Leônidas, cedo reconheceu o seu intelecto e ensinou-lhe as Escrituras. A instrução de uma criança cristã era eminentemente religiosa, com a finalidade de inculcar-lhe os ensinamentos evangélicos e o conhecimento das Escrituras – *Christon paideia* –, sendo sempre dirigida pelos pais. Era, sobretudo, um dever

---

<sup>6</sup> Eusébio, conhecido como Eusébio de Cesareia, ou Eusébio Pânfilo, nasceu em Alexandria e foi bispo de Cesareia, Palestina (313). Era um teólogo neoplatônico e exegeta, sendo considerado um dos fundadores da historiografia cristã. Estudou na escola de teologia de Cesareia, a qual fora criada por Pânfilo, em cuja homenagem adotou o nome. Embora não conjugasse das ideias de Ário, acolheu-o quando este foi expulso de Alexandria, sob a acusação de heresia. Defendia, no entanto, o *sabelianismo*, doutrina que negava a Trindade. No Sínodo de Antioquia, em 325, foi excomungado por *arianismo*, mas defendeu-se no Concílio de Niceia, convocado por Constantino, no fim do mesmo ano, e teve a punição suspensa por intervenção do imperador. Sua obra mais importante é *História Eclesiástica*, onde relata as perseguições romanas e a vida de Orígenes. Também é autor de uma biografia de Constantino e de textos doutrinários e comentários da Bíblia. Na obra *Preparação Evangélica*, comparou Platão com Moisés. Morreu no ano de 339.



do pai, que na posição de *paterfamilias*, isto é, de chefe de uma unidade doméstica, deveria responder pela educação dos filhos. Além do estudo das Escrituras supervisionado por seu pai, Orígenes, provavelmente, recebeu também uma educação típica para um estudante daquela época, qual seja, o conhecimento dos tradicionais textos gregos.<sup>7</sup>

O *Contra Celso*, a refutação de Orígenes à *Alethes Logos*, foi composta em meados do século III d. C., mais precisamente em 248, sob o governo de Filipe, o Árabe, um ano antes da perseguição aos cristãos decretada por Décio, em 249. Em termos literários, a obra exibe grande complexidade, pois nela o autor não se limita a refutar ponto por ponto as acusações formuladas pelo filósofo – o que nos permite reconstituir, ainda que de modo parcial, o texto hoje perdido da *Doutrina Verdadeira* –, mas também empreende um ataque ao judaísmo e ao próprio paganismo.

O século III d. C., período em que Orígenes viveu e escreveu, é denominado pejorativamente como “Anarquia Militar”, “Crise do terceiro século” ou “Período dos imperadores-soldados”. É considerado por Gonçalves (2006, p.189) como “uma época de inflexão, um período de mutação e de transição, que afetou com ritmo próprio todo o Império”. O momento é marcado por uma conjuntura desfavorável aos cristãos. Na época da “Anarquia Militar”, o império enfrentou alguns problemas de caráter político e econômico, além da pressão dos povos bárbaros que circundavam o *limes*, aproveitando-se da situação para adentrarem em territórios romanos. Vários imperadores sucederam-se no poder, aclamados pelas legiões, desejosos de bons generais para afastar as invasões bárbaras e proteger o império. Eles ficaram pouco tempo no governo e acabaram morrendo nas batalhas contra os invasores ou pelas mãos dos próprios legionários (GONÇALVES, 2006, p. 185-189). Sucedem-se mais de vinte imperadores num período de quase cinquenta anos, reinando muitas vezes simultaneamente (SILVA, 2006 p. 246).<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Na época imperial os meninos iniciavam sua formação aos sete anos de idade aprendendo as primeiras letras. Segundo Silva (2010), os mais abastados, filhos da aristocracia, ficavam sob o cuidado de um professor particular – tutor ou pedagogo –, enquanto os filhos do estrato médio da sociedade romana estavam sob o comando do *litterator*, nas escolas de primeiras letras. Por volta dos onze ou doze anos, eram enviados à escola do *grammaticus*. Nesta etapa, os alunos aprendiam os fundamentos da retórica, da eloquência e da literatura clássica, juntamente com lições de mitologia. Por volta dos quinze anos de idade, o rapaz cuja família tivesse condições de arcar com a continuação de seus estudos, “estaria apto a cursar os estudos superiores da escola de *rétor*, em que se aprofundaria em gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, música, astronomia e filosofia” (SILVA, 2010, p. 8).

<sup>8</sup> Para uma melhor compreensão acerca do período relativo ao século III, ver Silva; Soares (2013).



Orígenes está localizado num período considerado transitório para a história do cristianismo primitivo, época na qual as igrejas menores e os mestres carismáticos cederam lugar a conjuntos maiores e a linhas mais claras acerca da autoridade clerical e da teologia. Como incansável comentador das Escrituras e professor devotado, Orígenes encarnou o cristianismo do III século, isto é, aquele cristianismo dos mártires, dos debates com os rabinos, com os cristãos “gnósticos”, com os filósofos, temperado por conflitos com os bispos e outros cristãos, desenvolvendo, dessa forma, sua própria cosmologia otimista de salvação por meio do Verbo encarnado (LYMAN, 2009).

A elaboração do *Contra Celso* é própria de um contexto em que a crença cristã ainda não contava com uma ortodoxia estabelecida, ou seja, ainda não apresentava uma maior coerência em termos doutrinários ou disciplinares. Orígenes escreve numa conjuntura turbulenta, já antevendo a adoção de medidas mais rígidas contra o cristianismo pelas autoridades imperiais e o aumento do sentimento anticristão por parte da população em geral, o que nos leva a conjecturar que o autor, quando compôs a obra, tinha como um dos seus principais propósitos resguardar a posição do cristianismo como um credo que não apresentava qualquer ameaça à ordem pública.

Para além desse propósito inicial, outro que ressalta claramente do texto do *Contra Celso* é o de estabelecer uma distância entre o cristão “genuíno” e seus contemporâneos pagãos, judeus, hereges e, sobretudo, os judaizantes. Por esse motivo, Orígenes não apenas refutou as acusações de Celso, mas procurou, igualmente, advertir os cristãos acerca do perigo das heresias e, sobretudo, acerca do “contágio” judaico dentro da Igreja, proporcionado pelos judaizantes.

Os argumentos de Orígenes e a diferenciação entre cristãos, judeus, pagãos, hereges e judaizantes.

Orígenes participou da chamada Escola de Alexandria, que desde o século II d.C. formava diversos indivíduos nas letras clássicas e nos ensinamentos das Escrituras, sendo avaliada pelos pesquisadores como um campo de saber de grande expressão cultural. Esse conjunto de fatores levou os estudiosos a concluir que o trabalho de Orígenes destaca-se



como o culminar de todo o movimento apologético dos séculos II e III. O que Orígenes nos oferece, no entanto, é muito mais que uma refutação ponto por ponto a um adversário muito bem informado, como foi Celso. Segundo declarou Chadwick (1953, p. ix), essa apologia também nos auxilia a observar os argumentos que Orígenes teria utilizado numa disputa com pagãos de Alexandria, e o modo como ele próprio, em sua mente, poderia ser convencido de que o cristianismo não era uma credulidade irracional, mas sim uma profunda filosofia.

Ao analisarmos a nossa fonte, o *Contra Celso*, podemos identificar, nas palavras de Celso, diversas preocupações em relação aos cristãos, quanto à origem, à formação, às filiações institucionais e à ausência de reconhecimento pelo poder público. Quando na passagem III, 50, Celso acusa os cristãos de ser gente estúpida e inculta, que ignora a cultura helenística, o presbítero responde:

Repara então como nos calunia comparando-nos aos que divulgam seus segredos e pedem esmolas nas praças públicas. Que segredos divulgamos nós? Que fazemos de semelhantes, nós que, lendo textos e explicando-os, exortamos à piedade para com o Deus do universo e as virtudes que reinam com ela, e fugimos do desprezo a Deus e a todos os atos contrários à reta razão? Os próprios filósofos desejariam círculos tão numerosos de ouvintes de suas exortações à virtude. Assim procederam, sobretudo, certos cínicos, que conversavam em público com todos que passavam. Acaso se dirá que estes filósofos se pareciam com aqueles que divulgam seus segredos e pedem esmolas nas praças públicas, porque, em vez de convidar as pessoas consideradas cultas, chamaram para a rua ouvintes que eles reuniam? Não, nem Celso nem qualquer sequazes há de repreender os que julgam ser dever de humanidade propor suas doutrinas mesmo às pessoas simples do povo (*Con. Cels.*, III, 50).

Celso, ademais, zombou dos líderes das comunidades cristãs, referindo-se a eles como gente sem cultura e ignorante (*Con. Cels.*, III, 55), no que Orígenes replicou com o seguinte argumento:

Repara também aqui um exemplo de seus sarcasmos contra nossos mestres de doutrina. Eles que procuram elevar a alma por todos os modos ao Criador do universo, provando que é preciso desprezar todas estas coisas sensíveis, passageiras e visíveis, e fazer tudo para obter a comunhão com Deus [...], Celso os compara aos cardadores que vemos nas casas particulares, aos sapateiros, aos pisoeiros, aos homens mais rudes que, para a desgraça dos filhos de tenra idade, solicitaram o serviço de mulheres incultas para que se afastem do pai e dos preceptores e os sigam. Que Celso esclareça bem isto! Mostre, por comparação, se as crianças e as mulheres incultas que abraçam nossa doutrina já tinham



ouvido doutrina melhor do que a nossa, e de que maneira afastamos as crianças e mulheres incultas de lições belas e veneráveis para as convidar para piores? Não conseguirá fornecer a prova: muito ao contrário, desviamos as mulheres incultas da impureza, da perversão causada pelas pessoas de suas relações, da loucura do teatro, da superstição (*Con. Cels.*, III, 56).

É clara a oposição que Orígenes fez acerca do “mundo” pagão e do cristão em seus escritos. A identidade cristã, de caráter monoteísta, pôde ser construída e desenvolvida no interior das estruturas políticas, sociais e culturais do Império Romano, em contraposição ao sistema de representação politeísta vigente. Enquanto Celso pensa que o cristianismo não trouxe nada de novo para o mundo (*Con. Cels.*, I, 4), Orígenes, como cristão, pensa que o cristianismo veio como forma de “salvar” o mundo da corrupção dos costumes, da perversão, da idolatria e da superstição. Em algumas passagens isso fica mais evidente, como no seguinte excerto:

Mas considerando que os discursos que Celso qualifica de vulgares estão cheios de poder à maneira dos encantamentos, vendo estes discursos converterem incontáveis multidões das desordens à vida mais regrada, injustiças em honestidade, timidez e covardia em firmeza levada até o desespero da morte pela religião que eles acreditavam verdadeira (*Con. Cels.*, III, 68).

Quando Celso afirma que “aquele que ensina nossa doutrina se conduz como homem ébrio no meio de ébrios, acusando as pessoas sóbrias de estado de embriaguez” (*Con. Cels.*, III, 76), Orígenes responde:

Nenhum homem moderado que ensina a doutrina cristã é ébrio, e é injúria de Celso indigna de filósofo. E Celso que nos diga que pessoas sóbrias acusamos nós, nós que somos os pregadores da doutrina cristã! Para nós, ébrios são todos os que se dirigem a coisas inanimadas como a Deus. [...] são loucos os que correm aos templos para adorar como deuses as estátuas e os animais (*Con. Cels.* III, 76).

Na tentativa de se defender e de se justificar perante seus algozes, os cristãos, em contraste com o politeísmo greco-romano e em meio a este conflito, deixam transparecer, em seus discursos, atributos que pretendem marcar a diferença no contexto das relações sociais vividas e nas práticas específicas assumidas. Aqui, fica bem evidente a ideia que o presbítero tem acerca do paganismo e daqueles que professam de tal crença. De acordo com as múltiplas declarações de Orígenes em seu *Contra Celso*, o cristianismo tinha como



missão o aperfeiçoamento do gênero humano. Percebemos que Orígenes esforça-se para traçar uma diferenciação entre o que é a cultura e a religião pagã greco-romana e o que é a verdade e a crença cristãs. Quando Celso introduziu um judeu para falar por ele e fazer acusações aos cristãos e ao cristianismo (*Con. Cels.*, I, 28), Orígenes se esforçou de maneira muito mais energética para refutar as denúncias de Celso, uma vez que o presbítero necessitou traçar tanto a diferenciação existente entre cristãos e pagãos, como mostrar a distinção entre os cristãos e os judeus.

Foi preciso evidenciar que o cristianismo, apesar de ter se originado dentro dos círculos judaicos, já havia se apartado do judaísmo e se concretizava como a verdadeira crença, eleita por Deus. O debate doutrinário produzido entre as comunidades cristãs e o papel desempenhado por Orígenes, como uma das lideranças cristãs, fomentaram o controle e a ordenação das doutrinas consideradas ortodoxas e excluíram outras formações que não atendiam a essas características. As representações que Orígenes criou para a identidade cristã se configuraram como respostas aos questionamentos de seus contemporâneos: quem são, a quem se adoram, como, e qual a sua utilidade.

O presbítero também traçou as linhas de diferenciação que os cristãos possuíam em relação àqueles considerados heréticos, entre eles os judaizantes, que configurou-se como o principal obstáculo à formação da identidade cristã no século III. Com relação a esse assunto, Orígenes se posiciona do seguinte modo:

Celso, porém, me parece ter tido conhecimento de certas seitas que não têm em comum conosco sequer o nome de Jesus. Talvez tenha ouvido falar dos “ofitas” e “caimitas” ou de qualquer outra seita semelhante que abandonou inteiramente Jesus (*Con. Cels.*, III, 13).

O cristianismo primitivo teve que se defrontar com seitas distintas, tais como: o docetismo, o montanismo e o gnosticismo. Em oposição e em resposta a tais “desvios”, as lideranças locais promoveram a autoridade da tradição apostólica. Orígenes, ao refutar as acusações de Celso, bem como as do seu judeu, buscou, com suas respostas, a diferenciação entre cristãos, pagãos, judeus e hereges. Ele postulou uma nova identidade: nem judeus, nem pagãos, mas cristãos (BEAUDE, 1993).



Nessa luta entre representações, traçada entre Orígenes – porta-voz dos cristãos – e Celso – ou qualquer outro opositor do cristianismo, como representante do paganismo – estão em jogo a fixação de uma identidade por meio da marcação da diferença. Para que Celso se visse enquanto um membro da elite pagã greco-romana era preciso que existisse aquilo que conceituamos como alteridade, e que, no caso de Celso, foram os cristãos. Do mesmo modo, Orígenes, ao estabelecer quem eram os cristãos, como viviam e no que acreditavam, recorreu ao paganismo enquanto aquilo que é diferente de “cristão”. Orígenes fez isso também em relação ao judaísmo.

Orígenes combateu a descrença dos judeus em várias passagens do *Contra Celso*, como em I, 13; II, 34, 39 e 78; III, 28; e, IV, 22 e 31. Ele complementa seus argumentos, dizendo:

Evidentemente, vendo Jesus não enxergaram quem era ele, ouvindo-o não compreenderam por suas palavras a divindade que nele estava e que ele haveria de transferir aos gentios que tinham fé nele a solicitude de Deus até então reservadas aos judeus. Por isso podemos ver, depois da vinda de Jesus, os judeus inteiramente abandonados, nada possuindo daquilo que outrora lhes parecia sagrado, sequer um sinal da presença da divindade entre eles. [...] mais do que os outros, os judeus, por sua falta de fé em Jesus e por muitos outros ultrajes que lhe fizeram, não só sofrerão o julgamento no qual acreditamos, mas também já o sofreram. Com razão, que povo foi banido de sua própria capital e do lugar reservado ao culto tradicional senão os judeus unicamente? Eis o que sofreram em sua profunda indignidade, não tanto por algum de seus outros pecados numerosos, mas por aquilo que eles ousaram contra nosso Jesus (*Con. Cels.*, II, 8).

Os grupos religiosos em interação no Império Romano, no entanto, nem sempre adotaram um comportamento francamente hostil uns pelos outros. Pelo contrário, crenças instituídas em oposição umas às outras, como o cristianismo frente ao paganismo ou ao judaísmo, jamais se mostraram imunes a influências recíprocas, sobretudo em Alexandria, ambiente amplamente cosmopolita. Acreditamos que o ambiente citadino é, sobretudo, forma de expressão de poder, que influencia a criação das identidades e, conseqüentemente, na mobilização dos indivíduos nela reunidos. Essas manifestações só podem ser percebidas porque o espaço urbano é o produto da realidade social, exprimindo conflitos, tensões, censuras e as estruturas de domínio (MENDES, 2007). Pensamos, assim, que a relação entre os sistemas religiosos na Alexandria romana configurou-se como altamente



complexo, uma vez que os adeptos dos diversos credos, mesmo quando assumissem uma posição agressiva frente os princípios que “julgavam em desacordo com a crença que professavam, não deixavam de reter, algumas vezes de modo involuntário, em outras nem tanto, atitudes e valores outrora passíveis de crítica” (SILVA; SOARES, 2010, p. 87).

### Orígenes e a fixação de uma identidade cristã no século III d. C.

Diante do que já foi exposto, percebemos que os adeptos do cristianismo propuseram e comungaram de práticas estranhas à sociedade pagã. Diziam-se portadores da mensagem divina e da verdadeira crença, recriminando toda a sociedade greco-romana e sua tradição. Ao agirem de tal forma, os cristãos julgaram-se como um grupo superior, difamando e desprezando todo o modo de viver dos pagãos e dos judeus.

Orígenes se fez portador de uma “normalidade”, para quem pagãos e judeus foram vistos como anormais, exóticos e estranhos. Os membros dos outros grupos e seitas foram marcados com uma carga negativa, enquanto aos cristãos, Orígenes concedeu um peso positivo. É fato que tanto os pagãos quanto os judeus – como “alteridade” em relação aos cristãos – foram primordiais para a fixação de uma identidade cristã. No entanto, o maior obstáculo para a cunhagem dessa identidade, pelo menos para Orígenes, que escreve em meados do século III, foram aqueles indivíduos que se localizavam nas fronteiras entre essas crenças, sobretudo os judaizantes.

Para Lieu (2002), a metáfora de uma fronteira, separando “nós” dos “outros”, é central para a discussão moderna de identidades como construção; ainda que reconhecendo em cada fronteira a existência da articulação de poder e de uma possível permeabilidade, num marco de “formação das identidades”. Diante desses pressupostos, consideramos que mesmo as religiões mais zelosas de seu estatuto de pureza não se encontram, absolutamente, protegidas de hibridismos e sincretismos de todos os tipos. Seus adeptos, possivelmente, se moveram num meio marcado pelo pluralismo, assumindo, a todo o momento, papel de intermediários nas trocas culturais.

Diante de um contexto marcado pela existência de comunidades e indivíduos que transitam entre sistemas religiosos distintos, dando margem, assim, a todas as modalidades



possíveis de hibridismo religioso, Orígenes intervém no sentido de estabelecer uma linha divisória entre o “nós” – os cristãos que se consideravam os fieis depositários dos ensinamentos de Jesus – e os “outros”, os judeus, pagãos e hereges, convertidos em ameaças constantes à “pureza” da Igreja. Por meio de uma classificação binária responsável por fixar a fronteira entre o “nós” e os “outros”, fronteira esta sempre instável e nunca hermética o suficiente para impedir os deslocamentos de parte a parte, Orígenes ensaia distinguir os cristãos dos judeus nos seguintes termos:

Nosso Jesus, ao ver que a conduta dos judeus não era digna dos ensinamentos proféticos, ensinou, por meio de uma parábola, que o “Reino de Deus lhes será tirado e confiado” aos que viriam da gentilidade. É por isso, de fato, que podemos considerar todas as doutrinas atuais dos judeus como fábulas e futilidades – pois não possuem a luz da inteligência das Escrituras – e as doutrinas dos cristãos como a verdade, aptas como são a educar e a exaltar a alma e o espírito do homem e a convencer de que eles têm uma “cidade”, não neste mundo de certa forma como os judeus da terra, mas no céu (*Con. Cels.*, II, 5).

Orígenes estabeleceu, por um lado, uma suposta homogeneidade entre os cristãos e, por outro, sugeriu a existência de uma cisão absoluta entre estes e os judeus cujas raízes se conectam com o ministério de Jesus. Podemos afirmar que o autor se encontra imerso num movimento de fixação de fronteiras entre os dois sistemas religiosos, pois antes mesmo de tratar das características que definiriam os cristãos, se preocupa em afirmar a distância que os separa dos judeus.

Orígenes, ao contestar os argumentos de Celso, ameniza o conflito ideológico existente em sua época entre as diversas comunidades cristãs do Oriente e do Ocidente em prol do argumento de que o cristianismo já se encontrava consolidado em termos doutrinários e litúrgicos, o que de modo algum correspondia à realidade. Partindo-se da hipótese de que as fronteiras entre cristãos e judeus continuaram fugazes até pelo menos o final do século IV, é difícil avaliar a repercussão do esforço de Orígenes em separar o cristianismo do judaísmo ao demarcar as diferenças entre cristãos e judeus. Nesse sentido, o próprio autor admite ter conhecimento, em seu tempo, da existência de grupos que ocupavam uma posição intermediária entre o cristianismo e o judaísmo, como se segue:



Os que negam a providência não podem ser verdadeiramente filósofos, nem cristãos aqueles que introduzem ficções estranhas desacreditadas pelos discípulos de Jesus. Admitamos enfim que *alguns aceitam Jesus*, e é por isso que eles se gabam de serem cristãos, *mas querem ainda viver segundo a lei dos judeus como a grande massa dos judeus* (*Con. Cels.*, V, 61. Nesta passagem o grifo corresponde às proposições de Celso).

Os denominados judaizantes se encontravam na zona fronteira entre o judaísmo e o cristianismo, convertendo-se, como foi descrito por Orígenes, numa ameaça para a integridade da Igreja. Na medida em que o cristianismo resultou de uma cisão interna do judaísmo, o problema das relações entre judeus e cristãos remonta às primeiras comunidades formadas sob a inspiração dos seguidores imediatos de Jesus, tornando-se, com o tempo, um agudo problema para as autoridades eclesiásticas, ciosas de impedir o contato dos seus fiéis com os judeus, tidos como uma fonte permanente de “contágio” e de “poluição” em virtude da sua condição de “deicidas” e de povo abandonado por Iavé.

Não obstante esse esforço sistemático de separação executado por bispos, presbíteros e diáconos, mediante o exame das fontes disponíveis para o estudo das relações entre o judaísmo e o cristianismo no Império Romano, é possível constatar uma aproximação entre cristãos e judeus que se estabelece no cotidiano, sobretudo nas regiões externas à Palestina, no território da Diáspora, sobretudo em Alexandria, onde os contatos entre ambos os grupos foi contínuo. Tal constatação nos obriga a reavaliar a trajetória do próprio judaísmo ao longo do Império Romano à luz de uma conexão estreita com o cristianismo. Acreditamos, juntamente com Boyarin (2007), que a fronteira entre o cristianismo e o judaísmo era apenas uma separação imaginada. Esse ponto de contato entre as duas crenças foi, em realidade, um espaço para a passagem de pessoas e práticas religiosas. Inovações que permearam a passagem da fronteira em ambos os sentidos.

Diante desses pressupostos, acreditamos que Orígenes, por meio do *Contra Celso*, buscou estabelecer uma identidade distinta para os cristãos. Em meio a um contexto de existência de diversos grupos que mesclaram práticas cristãs e judaicas, Orígenes faz uma tentativa de demarcar o que, segundo ele, seria um autêntico cristão. Para tal finalidade, isto é, para estabelecer a identidade cristã, Orígenes se vale daquilo que ele considerava o paradigma, o oposto, o “outro” em relação ao cristianismo, ou seja, o paganismo e, sobretudo, o judaísmo. O judaísmo foi a principal alteridade utilizada por Orígenes para



cunhar a identidade cristã. Tudo aquilo situado entre o judaísmo e o cristianismo, quer dizer, todos aqueles grupos que conjugaram preceitos e práticas cristãs e judaicas ao mesmo tempo, tudo aquilo considerado híbrido, foi taxado como judaizante e desprezado por Orígenes. Assim, Orígenes, ao mesmo tempo em que constrói a identidade cristã, distinguindo os cristãos dos pagãos e dos judeus, empreende, igualmente, uma tentativa de estabelecer a ortodoxia e a religião cristã. A prática judaizante foi combatida por Orígenes na tentativa de elaborar a ortodoxia, livre do “contágio” judaico.

O que vai vigorar por muito tempo no Império, como esclarece Silva (2006, p. 250), “é uma situação sociologicamente multifacetada na qual alguns grupos cristãos sentem-se atraídos pelas tradições e ritos judaicos, não vislumbrando qualquer incompatibilidade entre o espaço da igreja e o da sinagoga, que frequentam indistintamente”. Provas disso foram, por exemplo, o uso da Septuaginta, manuseada tanto por judeus quanto por cristãos, e o uso pelos cristãos de símbolos de origem judaica, os quais foram associados ao cristianismo primitivo, como o peixe, o pão e a taça (SILVA, 2006).

Disso resulta que o judaísmo e o cristianismo ainda não são, no século III, religiões claramente definidas. Seria anacrônico, como evidencia Silva (2006), falar por essa época em “judaísmo” e “cristianismo” *stricto sensu*, pois estas categorias ainda se encontravam muito confundidas e mescladas, cabendo aos legisladores da fase final do Império traçar a linha de divisão entre as duas religiões e dizer o que seria ortodoxo e o que seria heterodoxo.

### Considerações finais

A título de conclusão, apreendemos que mesmo no nosso mundo moderno, onde notamos que a preocupação com as linhas fixas são muito maiores, podemos perceber como isso ocorreu também na Antiguidade, com o exemplo de Orígenes. Antes de se delinear o contorno de uma dada identidade, há antes um processo de seleção. Seleção em relação àqueles definidos como “outros”, ou seja, a seleção de algumas divergências sobre semelhanças reais; e seleção em relação aos definidos como “nós”, que possuem



determinadas semelhanças, diferentes e superiores às dos “outros”. Assim, as afirmações de separatividade de Orígenes, em relação aos judeus e aos pagãos, são uma afirmação de identidade mascarada por uma deliberada seletividade.

São nas zonas de contato das fronteiras que encontramos essas “religiões” sendo produzidas. Orígenes, e outros heresiologistas, usaram de sua prática discursiva para traçar aquilo que eles entendiam como “cristão”, “judeu”, “pagão”, “herege”, “judaizante”, e isso porque os limites não estavam dados, estabelecidos, foi preciso criá-los, distinguir o que era o “eu” e o que era o “outro”.

Mesmo depois de Constantino, essa interação social e religiosa vai persistir entre cristãos, judeus e pagãos de diferentes tipos. Com Teodósio II a identidade cristã ortodoxa é habilitada e assistimos o aumento de escritos pertencentes à tradição *Contra Iudaeos*. Este tipo de literatura, juntamente com as leis preservadas no *Codex Theodosianus* e os cânones dos concílios oferece-nos alguns lampejos acerca da realidade social da época, ou seja, a condenação e a tentativa de regular algo que ainda era recorrente, isto é, a mistura entre judeus, cristãos e pagãos de diversos matizes.

Assim, por meio de seus textos e de sua retórica, Orígenes delineou, em meados do século III, na cidade de Alexandria, uma identidade própria para si e para os outros cristãos, ao mesmo tempo em que criou a alteridade em relação a esta identidade, ou seja, “judeus”, “pagãos”, “judaizantes”, “hereges”.

### Referências:

Documentação primária impressa

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.

ORIGEN. *Contra Celsum*. Tradução e notas de Henry Chadwick. Cambridge: Cambridge University Press, 1953.

ORÍGENES. *Contra Celso*. Tradução de Orlando dos Reis. São Paulo: Paulus, 2004.

Obras de apoio

BEAUDE, P. M. *Premiers chrétiens, premiers martyrs*. Paris: Gallimard, 1993.

BORGER, H. *Uma história do povo judeu*. São Paulo: Sefer, 1999.

BORRET, M. Introdução. In: *Origène, Contre Celse*. Paris: Éditions Du Cerf, 1976.

BOYARIN, D. *Border lines: the partition of Judeo-Christianity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007.



- CHADWICK, H. Introdução e notas. In: *Origen, Contra Celsum*. Cambridge: Cambridge University Press, 1953.
- DANIÉLOU, J.; MARROU, H. *Nova História da Igreja: dos primórdios a São Gregório Magno*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- DE FAYE, E. *Origène, sa vie, son oeuvre, sa pensée: sa biographie et ses écrits*. Paris: Ernest Leroux, 1923.
- FELDMAN, S. A. Entre o *imperium* e a *ecclesia*: os judeus no baixo império. XIX Encontro Regional da Associação Nacional de História/SP, *Anais*, São Paulo: USP, 2008, p. 1-12.
- FIGUEIREDO, A. C. S. de. O cristianismo copta: uma face particular do multiculturalismo cristão. *I Congresso Internacional de religião: mito e magia no Mundo Antigo & IX Fórum de debates em História Antiga*, UERJ, 2010, p. 15-25.
- FREDE, M. Origen's treatise against Celsus. In: EDWARDS, M.; GOODMAN, M.; PRICE, S. *Apologetics in the Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 131-55.
- GONÇALVES, A. T. M. Os severos e a anarquia militar. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (Orgs.). *Repensando o império romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória: EDUFES/ Mauad, 2006, p. 175-191.
- GUARINELLO, N. L. Identidades mediterrâneas. *I Encontro do Laboratório de Estudos do Império Romano: regional Espírito Santo*. Vitória: UFES, 2010.
- JOVCHELOVITCH, S. Re(des)cobrando o outro: para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. In: ARRUDA, A. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 69-82.
- LIEU, J. Impregnable ramparts and walls of iron: boundary and identity in early Judaism and Christianity. *New Testament Studies*, Cambridge, n. 48, p. 297-313, 2002.
- LYMAN, R. Origen of Alexandria. *The expository times*, Berkeley, v. 120, n. 9, p. 417-427. 2009.
- MENDES, N. M. Império e romanização: estratégias, dominação e colapso. *Brathair*, n. 7 (1), p. 25-48, 2007.
- NOGUEIRA, P. A. de S. O judaísmo antigo e o cristianismo primitivo em nova perspectiva. In: NOGUEIRA, P. A. de S.; FUNARI, P. P. A.; COLLINS, J. J. (Orgs.). *Identidades fluidas no judaísmo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010, p. 15- 27.
- SANDERS, E. P. *Judaism: practice and belief 63 BCE - 66 CE*. London/Philadelphia: Trinity Press, 1992.
- SANTOS, R. de C. C. dos. Προτρεπτικος προς ελληνας (Exortação aos gregos): a helenização do cristianismo em Clemente de Alexandria. 2006. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006.
- SELVATICI, M. A recriação da identidade judaica na cidade de Alexandria no século I d. C. *Oracula*, São Paulo, ano 4, n. 8, p. 28-37, 2008.
- SILVA, G. V. da. A formação dos cidadãos do céu: João Crisóstomo e a *christon paideia*. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 32, n. 1, p. 7-17, 2010.



- \_\_\_\_\_. A relação Estado-Igreja no império romano (séculos III e IV). In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (Orgs.). *Repensando o império romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória: EDUFES/ Mauad, 2006, p. 241-266.
- \_\_\_\_\_. Representação social, identidade e estigmatização: algumas considerações de caráter teórico. In: FRANCO, S. P.; LARANJA, A. L.; SILVA, G. V. (Orgs.). *Exclusão social, violência e identidade*. Vitória: Flor e Cultura, 2004, p. 13-30.
- SILVA, G. V. da; SOARES, C. da S. O fim do Mundo Antigo em debate: da “crise” do século III à Antiguidade Tardia e além. *Nearco: Revista Eletrônica de Antiguidade*. Rio de Janeiro, v. 1, ano VI, n.1, p. 137-161, 2013.
- \_\_\_\_\_. Orígenes e a definição das fronteiras entre o cristianismo e o judaísmo no *Contra Celso*. *Caminhos da História*, Montes Claros, v. 15.2, n. 1, p. 85- 100, 2010.
- SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e diferença. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.
- SOARES, H. da P. *Os cultos de Ísis e Atárgatis no Alto Império romano: conflito religioso e formação das identidades nas ‘Metamorphoses’ e de ‘Dea Syria’*. 2011. Dissertação de Mestrado em História. Programa de pós-graduação em História Social das Relações Políticas. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2011.
- SOUSA, R. *Alexandria: a encruzilhada do conhecimento*. Porto: Faculdade de Letras. Biblioteca Digital, 2009.
- SPINELLI, M. A polêmica de Orígenes com o epicurista Celso. In: \_\_\_\_\_. *Helenização e recriação de sentidos: a filosofia na época da expansão do cristianismo – séculos II, III e IV*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 79-103.
- \_\_\_\_\_. Helenização e recriação dos sentidos. *Dissertatio*, Pelotas, n. 11, p. 83-104, 2000.
- WILKEN, R. L. Judaism in roman and Christian Society. *The journal of religion*, Chicago, v. 47, n. 4, p. 313-330, 1967.
- WHALE, J.S. Great attacks on Christianity: Celsus. *Expository Times*, Oxford, v. 42, p. 119-124, 1930.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.
- ZETTERHOLM, M. *The formation of Christianity in Antioch: a social-scientific approach to the separation between Judaism and Christianity*. New York: Routledge, 2003.